

- POLONOROESTE -

FIPE - Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas

CEDI - P.I.B.
DATA 18, 08, 86
COD. 1 X 109

RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO DAS ÁREAS INDÍGENAS
IRANCHE, UTIARITI, TIRECATINGA E
RIKBÁK TSA

Rinaldo Sérgio Vieira Arruda

DEZEMBRO/1985

INTRODUÇÃO

Este relatório apresenta os resultados da pesquisa realizada nos meses de outubro e novembro de 1985 nas áreas indígenas I ranxe, Utiariti, Tirecatinga e Rikbaktsa, todas sob a jurisdição da 5a. Delegacia Regional da FUNAI em Cuiabá, e sob o atendimento direto da Missão Anchieta,

Os dados foram coletados na sede da 5a. D.R., na Operação Anchieta, na Missão Anchieta, através de levantamento do material histórico e etnológico existente e durante a estadia nas aldeias.

Este relatório apresentará a situação de cada grupo em separado, iniciando com um breve histórico, caracterização geral da área e, em seguida os aspectos relativos à terra, população, saúde, atividades produtivas, educação e administração.

No caso do grupo indígena Iranche, objeto de relatório anterior (Relatório III, vol. II, MINTER/SUDECO/FIPE, Jun/Dez 1983) assim como o do grupo indígena Rikbaktsa (Relatório antropológico sobre o grupo indígena Rikbaktsa - Proposta de definição de área indígena do Japuira e da área indígena do Escondido - 03/07 de 1985) este relatório apenas atualizará os dados já registrados, complementando-os com a exposição e análise da situação atual.

IRANCHE

A área Iranche localiza-se no município de Diamantino, ao norte do Estado do Mato Grosso, distando 483 Km. de Cuiabá e 243 Km de Tangará da Serra. De Cuiabá a Tangará da Serra a estrada é asfaltada. Daí até a entrada da reserva a estrada é de chão cascalhado apresentando boas condições de tráfego, mesmo após alguns dias de chuva. As estradas internas da área, não pavimentadas e estreitas estão na sua maior parte em condições razoáveis. Porém, certos trechos apresentam-se bastante precários, tendendo a deteriorar-se rapidamente na estação das chuvas, permitindo apenas o tráfego de veículos apropriados como pick-ups, jeeps e tratores.

A qualidade da terra para a lavoura é bastante ruim. Cerca de 70% da área constitui-se de terra arenosa (com vegetação de cerrado) e o restante argilosa (campos), abrigando alguns trechos de matas ciliares ao longo dos ribeirões. Toda a área se caracteriza por solo de pouca matéria orgânica exigindo correção de 2000 a 4000 kg. de calcário por hectare, além de adubação.

AS ALDEIAS

A aldeia principal é a do Cravari, ao lado do córrego São Domingos, onde se concentra a maior parte da população (23 casas e 106 dos 153 habitantes) (ver localização no mapa em anexo), o rádio da Missão Anchieta, "a casa dos padres" (que os abriga nas suas visitas sendo um dos cômodos usado como farmácia), a chefia tribal e a casa das flautas onde se realizam as práticas rituais associadas ao uso da flauta "jetã". É nesta aldeia também que fica o maquinário utilizado na lavoura e na moenda de cana: trator com carreta, batedeira de cereais, arado, grade, moenda mecânica e ferramentas diversas.

A aldeia do Paredão, 25 km. mais ao sul é a segunda em importância. Compõe-se de 8 casas, uma delas servindo de escola, construídas sem ordem aparente, abrigando 36 pessoas. Como em toda a área, as casas são de pau a pique, algumas com paredes de barrotes, cobertura de folha de buriti, em geral de 2 ou 3 cômodos, sendo um deles a cozinha. Existe um "responsável" pela organização dos trabalhos da lavoura, mas sem o status de cacique e dependente deste no que toca à utilização do trator (O cacique é o único motorista do trator) e a decisões que afetem a comunidade como um todo.

Existem ainda mais dois aldeamentos: do Salto, com duas famílias e da Perdiz com uma família. Estes constituem-se mais como moradias familiares provisórias do que como aldeias propriamente ditas, já que na época da chuva seus moradores costumam refluir para a aldeia do Cravari.

TERRA

A reserva Iranche foi criada por decreto presidencial nº 63.368 de 08/10/68 e ratificado pelo Decreto nº 64.027-A de 27 de janeiro de 1969.

Estamos no ano de 1985, 16 anos depois do decreto e a área continua *não demarcada*.

No relatório anterior (1983 - citado na introdução) os descertos do órgão tutor na definição dos limites e os inúmeros conflitos decorrentes da pressão crescente e continuada sobre a reserva já foram exaustivamente descritos.

A insegurança dos limites - a todo momento devem fazer frente às tentativas de invasão da área, seja no limite sul com a fazenda Poderosa, seja no limite norte com a fazenda do Sr. Golberri, seja no limite oeste com a fazenda Terra Nova - tem impedido até mesmo suas atividades rotineiras e imprescindíveis de trabalho, sendo fonte de grande e justificada irritação dos índios.

A última tentativa de invasão ocorreu este ano: a fazenda Terra Nova entrou com uma derrubada cerca de 200 metros dentro da área. Confrontado com um grupo de índios comandados pelo cacique o fazendeiro parou a derrubada por hora, aguardando a definição dos limites que será feita com a demarcação.

Em agosto de 1984 esteve presente na área outra equipe da FUNAI procedendo a aviventação dos limites. O Polonoroeste previa para 1985 a liberação de 120.000.000 (120 milhões) de cruzeiros para a demarcação. No mês de setembro de 1985 fomos informados por funcionários da 5a. D.R. que a primeira parcela dessa verba, 40 milhões de cruzeiros, já havia sido liberada e aguardavam apenas a chegada de um teodolito para irem a campo iniciar a demarcação. Em outubro a história ainda era a mesma: a verba já havia sido em parte liberada e esperava-se vagar um teodolito, não havendo nenhum disponível até o momento. No mês de novembro a informação foi outra: de que na verdade a verba ainda não havia sido liberada até então.

O que quer que esteja acontecendo com essa verba, o fato da área ainda não estar demarcada configura um grave descaso pa-

ra com a nação Iranche que deve ser corrigido o mais rápido possível. Já esperaram 16 anos depois do decreto, as pressões sobre a terra são enormes e a possibilidade de conflitos armados cresce a cada dia.

POPULAÇÃO

Em 1947 quando dos primeiros contatos com as malocas Iranche, sua população foi calculada em mais ou menos 258 pessoas. Os fulminantes ataques dos Beiço-de-Pau e dos Rikbáktsa, tribos com as quais guerreavam, aliados à epidemias de gripe provocaram rápida depopulação. Em 1948, quando se refugiaram no posto missionário em Utiariti restavam apenas 90 pessoas; em 1951, 70; em 1952, 55; em 1953, 59; em 1956, 54.

A partir de 1954 a Missão passou a incentivar e promover casamentos intertribais entre os índios que frequentavam Utiariti. Nos seus registros, de 1956 até 1978 só se encontram os números referentes aos Iranche casados entre si, sendo os frutos de casamento intertribal classificados indiscriminadamente como índios "mestiços". Na verdade, do ponto de vista Iranche, que é o que culturalmente vale, a descendência é traçada patrilinearmente, sendo os filhos de homens Iranche considerados Iranche independente da origem tribal da mulher. Como desde 1947 até hoje se mantém uma menor proporção de mulheres em relação ao número de homens, deve-se considerar a grande maioria dos habitantes da reserva como Iranche, em que pese a descaracterização cultural promovida pelos inúmeros casamentos intertribais (por exemplo no que toca a menor utilização da língua tribal entre esses casais e seus filhos).

Em 1979, data em que foram encontrados registros da população total da reserva, os Iranche constituíam-se em 136 pessoas. Em 1982, 142; em 1983, 145 e em 1985, na ocasião de nossa visita eles totalizavam 153 pessoas.

Não foi encontrado na aldeia, nem com os membros da M.I.A. registros de nascimento e de óbito. Em conversa com os índios fui informado de que em 1983 ocorreu um óbito, de uma criança de 2 anos, com pneumonia. Em 1984 morreram 3 crianças com menos de um ano com pneumonia. Em 1985 morreram 2 adultos; um num desastre com o trator e outro de doença desconhecida.

Quanto aos nascimentos: em 1983 um menino e uma menina. Em 1984, 4 meninos e duas meninas, havendo ainda duas gestantes esperando filho para este ano.

SAÚDE

Até 1982 havia uma atendente de enfermagem, freira, remunerada pelo Estado, que ajudada por uma atendente índia (Domitila) responsabilizava-se pela área da saúde. A freira foi embora em 1983 restando a atendente índia que diagnosticava, prescrevia e aplicava tratamento, fazendo partos e até arrancando dentes quando necessário, tendo feito curso de atendente na sede da Missão em Utiariti.

No começo deste ano essa atendente mudou com sua família para o aldeamento do Salto, sendo substituída por outra atendente índia (Maria) a qual, apesar da boa vontade, tem formação mais precária que a primeira, limitando-se a diagnosticar os casos mais simples e distribuindo a medicação que considera adequada.

Os casos que não respondem positivamente à medicação, quando se tornam graves, são levados pelo responsável pela Missão na área (Pe. Arlindo) para o hospital em Diamantino ou para a chácara ambulatório da FUNAI em Cuiabá.

As condições de saúde na área parecem ser bem precárias, assim como o atendimento, situação exemplificada pela morte de 4 crianças com pneumonia nos últimos dois anos. São inúmeros e frequentes os casos diagnosticados como diarreia, desintéria, vômitos, problemas de "estômago", havendo evacuação de sangue nos casos mais graves. São comuns também os casos de gripe, resfriado, pneumonia e bronquite assim como verminose e anemia.

Há falta de remédios (segundo os índios o apoio e fornecimento de remédios por parte da Missão vem diminuindo drasticamente desde 1982), de condições de trabalho para a atendente (não recebe salário fazendo esse trabalho extra e prejudicando a realização de seus outros afazeres).

Em que pese o esforço do missionário (atende sozinho às áreas Iranche, Utiariti e Tirecatinga) que passa quase todo o tempo levando e trazendo doentes das aldeias para Diamantino ou Cuiabá, o atendimento à saúde é superficial e ineficaz.

Os índios, por outro lado, bastante deculturados no seu processo de catequese iniciado em 1948, parecem não mais dominar em profundidade os conhecimentos de sua medicina tradicional, de

pendendo quase que totalmente da medicina ocidental.

Como mostra da superficialidade do atendimento local, segue a lista de remédios que a Missão costuma levar aos Iranche, a pedido da atendente:

- algodão
- elixir paregórico
- melhoral infantil
- novalgina em gotas e em comprimidos
- anador
- melhoral para adultos
- buscopan composto
- iôdo
- mertiolate
- xarope
- remédio para inflamação
- pomada para ferida.

Muitos índios dirigem-se espontaneamente para Cuiabá à procura de tratamento de saúde com a FUNAI. Inclusive a maioria dos partos, desde 1983 parece estar se realizando na chácara ambulatório de Cuiabá. Pedem a presença de E.V.S. de forma regular. Parece que sua última visita foi em 1980, não retornando desde então.

A vacinação é efetuada desde 1974 em todas as crianças e na maioria dos adultos, sendo aplicada atualmente pela atendente índia da aldeia do Sacre (fora da reserva), a mais ou menos 60 kms da área. Este ano, no mês de outubro a SUCAM vacinou contra febre amarela.

Na aldeia do Paredão não existe atendimento de saúde, nem rádio, devendo os índios percorrerem 25 kms. até a aldeia do Cravari ou, 45 km. até a aldeia do Sacre para serem socorridos.

O atendimento odontológico resume-se na extração de dentes, realizada esporadicamente pela atendente índia de Utiariti, quando visita a área Iranche.

RECOMENDAÇÕES

A situação de saúde é bastante séria. É aconselhável a remuneração da atendente, a contratação de outra mais qualificada para orientar e trabalhar em conjunto com a primeira, fornecimento regular de medicamentos, meios de transporte e comunicações. O atendimento deve ser localizado nas duas aldeias: do Cravari e Pa redão.

Necessário o estabelecimento de um Plano de Saúde, no sentido de fazer frente sistematicamente à verminose, e garantir a visita da EVS pelo menos duas vezes ao ano.

ATIVIDADES PRODUTIVAS

Tradicionalmente a unidade de produção e consumo é a família extensa, tendo por base a cooperação entre genros e sogro. A família extensa tem sido cada vez mais substituída pela família elementar, os casais jovens construindo casas em separado. Essa forma de organização do trabalho ainda subsiste existindo para cada casa uma roça perto da aldeia, onde plantam milho, feijão, arroz, batata, carã, mandioca (farinha e beijú) e cana-de-açúcar (melado, garapa e açúcar). Caça e pesca bastante rarefeitas, coletam principalmente favas de mel e piqui.

Fazem roça comunitária de arroz, aproveitando o trator, apenas para o consumo. Como fonte de renda monetária extraem borracha das seringueiras nativas e a comercializam em Cuiabá, com a ajuda do Pe. Arlindo que faz o transporte com uma camionete D-10, cobrando o frete correspondente.

O trator esteve quebrado, imobilizado, durante quatro anos. Este ano a Missão vendeu o caminhão que servia à área e reformou o trator, que passou a ser de uso comum da área Iranche, Utiariti e Tirecatinga, gerando descontentamento em todas as aldeias pela impossibilidade de atender igualmente suas necessidades. O único veículo que restou para atendimento de saúde e comercialização da borracha para essas três reservas foi a camionete, velha e sempre em consertos, com pouca capacidade de carga e de atendimento satisfatório.

Os Iranche dedicam-se às roças familiares, à caça e pesca, na sexta-feira, sábado e domingo. De segunda a quinta-feira dedicam-se ao trabalho na roça comunitária (arroz, mandioca, milho, etc), este ano com a dimensão de 650 por 300 metros. Só no mês de outubro produziram e consumiram 200 litros de melado para o sustento do pessoal no trabalho de roça.

Em geral o arroz e milho plantado não são suficientes para o consumo durante o ano todo, não sobrando nada para semente e faltando para a alimentação. Criam porcos e galinhas (criação familiar) e, com a venda da borracha compram também alimentos produzidos fora da reserva, além de outros produtos industrializados dos quais dependem: óleo, sabão, sal, querosene, anzol,

roupas, café, etc. Em geral o Pe. Arlindo é quem comercializa a borracha e compra as mercadorias, acompanhado do cacique na maior parte das vezes.

A base alimentar acaba sendo a mandioca e a cana-de-açúcar, transformados em farinha e melado que garantem a maior parte de sua alimentação, bastante carente, refletindo-se no precário estado de saúde do grupo.

Face aos desacertos da FUNAI na área (fundamentalmente a não demarcação) e o gradativo abandono da assistência da Missão, os Iranche se dizem firmemente decididos a evitar o estabelecimento de postos de qualquer das duas entidades na sua área. Reivindicam ajuda do Polonoroeste, via FUNAI, para criar as condições de superação de suas carências dentro de um plano elaborado e gerido por eles, que segue em anexo.

EDUCAÇÃO

Desde 1974 a escola da aldeia do Cravari funciona intermitentemente e com várias mudanças de professores. De 1977 a 1979 funcionou com professora experiente, com formação pedagógica, antropológica e linguística. De 1979 a 1983 ficou desativada. Em 1983 funcionou somente um semestre, com a contratação de professor Iranche, pago pela Prefeitura de Diamantino. De lá para cá está desativada. De modo geral, as propostas educacionais pareciam boas, com orientação pedagógica no sentido do respeito aos valores tradicionais do grupo, contrastando fortemente com a orientação vigente no internato de Utiariti o qual marcou fortemente o grupo. Porém, de um lado a mudança de orientação parece ter sido muito brusca e repentina não se harmonizando com o que os índios aprenderam anteriormente a esperar de uma escola. Por outro lado, tais propostas nunca foram colocados em prática de forma sistemática.

O funcionamento da escola é sentido como uma grande necessidade tanto na aldeia do Cravari, quanto na aldeia do Paredão, que reivindica uma escola própria, dada a distância (25 km) que a separa da outra aldeia. Abandonada desde 1979 (exceto por um semestre de funcionamento em 1983), a casa da escola tem sevido para eventuais reuniões e fundamentalmente como local de culto religioso. A mesa do "professor" transformou-se em altar adornada com toalha de linho branco, rendada, sobre a qual está posta a imagem de Nossa Senhora. Dessa forma parece que a catequese substituiu a educação escolar, de tal forma que a casa da escola é chamada pelas crianças de "igreja".

Segundo o depoimento dos índios, a Missão está prometendo uma freira, que funcionará como professora e atendente de enfermagem a partir do mês de janeiro. Segundo o cacique, a idéia da Missão é de trazer uma freira a cada três meses para substituir a anterior.

Não tive oportunidade para uma conversa prolongada com o responsável pela Missão na área, tendo com ele um rápido contato num pequeno intervalo entre duas idas seguidas a Cuiabá para levar docentes. Sendo assim, não estou certo de que a proposta

de saúde e educação seja realmente esta, pois a substituição tão frequente sem dúvida impossibilitaria qualquer sucesso. Poderia se constituir no máximo num estágio para as freiras (treinamento para a vida em aldeia) sem grande proveito para os índios.

RECOMENDAÇÕES

Urge que se retome o trabalho na área da educação, reformando a casa da escola na aldeia do Cravari e se contrate um professor. A aldeia do Paredão necessita também de uma escola e a contratação de outro professor, ambos índios de preferência.

NECESSIDADES DA ÁREA

De acordo com a situação observada e descrita e conforme as reivindicações dos índios, por ordem de prioridades:

1. Demarcação Imediata da Reserva.
2. Caminhão F-4000 para possibilitar a comercialização da borracha e outros serviços.
3. Camionete Toyota, principalmente para atendimento na área da saúde.
4. Construção de escola na aldeia do Paredão e reforma da escola na aldeia do Cravari.
5. Contratação de dois professores, de preferência índios, que já trabalharam como tal na área. Combinar com os Iranche.
6. Contratação de 2 atendentes de enfermagem na mesma condição dos professores
7. Fornecimento regular de medicamentos.
8. Cota de combustível para o trator, caminhão, moto ser ra e
9. Mini-oficina.

Exclusivamente para a Aldeia do Cravari:

1. 2 charretes, 2 animais, 2 arreios.
2. 1 moto serra média.
3. 5 carrinhos de mão, 5 regadores, tela para cercar hor ta, bomba para pulverizar veneno. Objetivando plantio de horta.
4. 2 mil mudas de seringa.
5. plantio de 30 ha. de arroz: 18 ton. de calcário, 3.600 kg. de adubo, 40 sacos arroz (semente), veneno e bombas.
6. 8 plantadeiras manuais, 50 foices de cortar arroz.
7. formação de pasto, cerca, mourões.
8. 50 cabeças de gado, 2 reprodutores.

Exclusivamente para a Aldeia do Paredão:

1. 1 charrete, 2 burros, 2 arreios.
2. uma moenda de cana.

3. 2 tachos grandes para farinha.
4. plantio de 1 alqueire de arroz: calcáreo, adubo, semente, veneno e bombas.
5. gastos com o trator para esse plantio: um latão de graxa, 4 câmaras de ar (Trator Massey Ferguson) 2 traseiras e 2 dianteiras, 4 filtros de óleo.

DENOMINAÇÃO

ÁREA INDÍGENA IRANTXE

ALDEIAS INTEGRANTES

CRAVARI, PERDIZ e PAREDÃO

GRUPOS INDÍGENAS

IRANTXE

LOCALIZAÇÃO

MUNICÍPIO: DIAMANTINO

ESTADO: MATO GROSSO

UNIDADE REGIONAL DA FUNAI: 5ª DELEGACIA REGIONAL

COORDENADAS DOS EXTREMOS

EXTREMOS	LATITUDE	LONGITUDE
NORTE	12°46'10"S	57°54'30"Wgr.
LESTE	12°48'40"S	57°49'42"Wgr.
SUL	13°02'45"S	58°04'00"Wgr.
OESTE	13°02'45"S	58°04'00"Wgr.

BASE CARTOGRÁFICA

NOMENCLATURA	ESCALA	ÓRGÃO	ANO
338 e 355	1:250.000	D S G	1979

DIMENSÕES

ÁREA : 46.790 ha aproximadamente

PERÍMETRO: 100 Km aproximadamente

ÁREA: QUARENTA E SEIS MIL, SETECENTOS.E NOVENTA HECTARES APROXIMADAMENTE.

MINISTÉRIO DO INTERIOR
FUNDAÇÃO NACIONAL DO Índio - FUNAI
DIRETORIA DE PATRIMÔNIO INDÍGENA - DPI

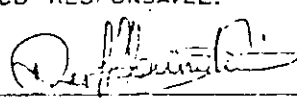
DESCRIÇÃO DO PERÍMETRO
ÁREA INDÍGENA JANTXE
ANEXO

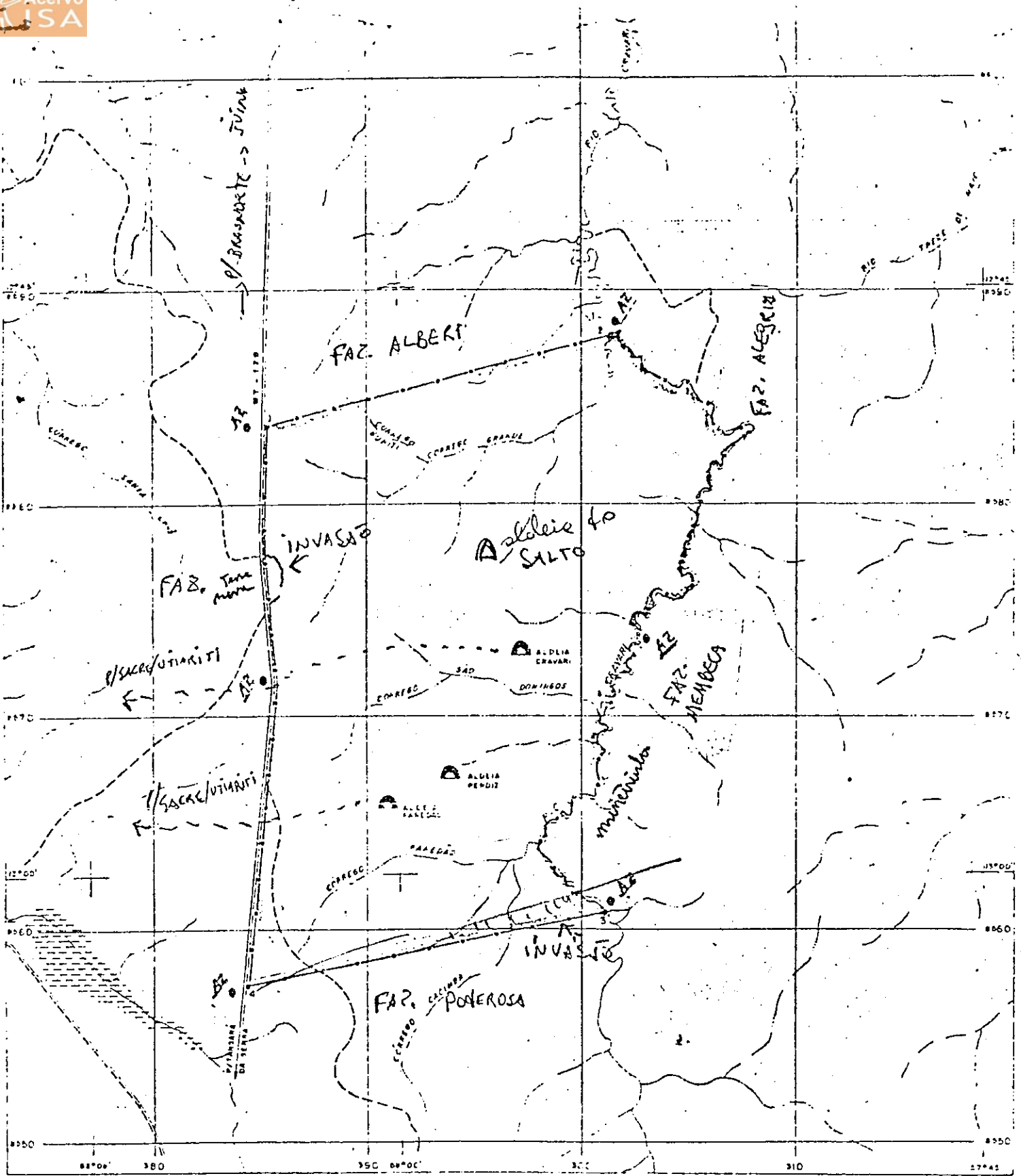
NORTE: - Inicia-se no Ponto "1" de coordenadas geográficas aproximadas 12°48'30"S e 58°03'25"Wgr., situado à direita da faixa de domínio da rodovia MT-170 sentido Tangará da Serra/Juina; daí, segue-se por uma linha reta de azimute e distância aproximados de 74°51'12" e 16.695,58m, até encontrar o ponto "2" de coordenadas geográficas aproximadas 12°46'10"S e 57°54'30"Wgr., situado na margem esquerda do Rio Cravari, junto a confluência do córrego Grande;

LESTE: Desse ponto segue-se a montante do Rio Cravari margem esquerda até encontrar o ponto "3" de coordenadas geográficas aproximadas de 13°01'00"S e 57°54'40"Wgr., situado na confluência de um igarapé sem denominação com o Rio Cravari;

SUL: Desse ponto segue-se por uma linha reta de azimute e distância aproximados de 258°57'04" e 17.175,30m, até encontrar o ponto "4" de coordenadas geográficas aproximadas 13°02'45"S e 58°04'00"Wgr., situado à direita da faixa de domínio da rodovia MT-170, sentido Tangará da Serra/Juina;

OESTE: Desse ponto segue-se a referida rodovia sentido Tangará da Serra/Juina à direita da faixa de domínio até encontrar o ponto "1" inicial da presente descrição perimétrica.

LOCAL: BRASÍLIA	TÉCNICO RESPONSÁVEL: 	VISTO:
DATA: 08.01.85	REINALDO FLORINDO Engº Agri. - CREA 57.899-D/SP DDE/DPI	



SINAIS CONVENCIONAIS

- TERRA INDIGENA DELIMITADA
- ALDEIA INDIGENA
- PONTO DEFINIDOR DO LIMITE
- CURSO D'ÁGUA PERMANENTE
- CURSO D'ÁGUA INTERMITENTE
- ALAGADO
- DIREÇÃO DE CORRENTE
- COLETOIA DE REVESTIMENTO SOLTO
- CAMINHO

 <p>MINISTÉRIO DO INTERIOR FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI DIRETORIA DE PATRIMÔNIO INDÍGENA - DPI</p>			
<p>ÁREA INDÍGENA IRANTXE</p>		<p>DELIMITAÇÃO</p>	
<p>DIAMANTINO</p>		<p>ÁREA: 46.790 ha /</p>	<p>PERÍMETRO: 100 km</p>
<p>MATO GROSSO</p>		<p>1:250.000</p>	<p>DATA: 17/12/84</p>
<p>59 DR</p>		<p>PROCESSO Nº: FUNAI/658/4045/76</p>	<p>MAPA CARTOGRÁFICO: MIR-338 e 335-150</p>
<p>ELABORADO POR: [Assinatura]</p>	<p>APROVADO POR: [Assinatura]</p>	<p>VISTO: [Assinatura]</p>	<p>APROVADO: [Assinatura]</p>
<p>COORDENADOR GERAL: [Assinatura]</p>	<p>COORDENADOR REGIONAL: [Assinatura]</p>	<p>COORDENADOR DE SERVIÇOS: [Assinatura]</p>	<p>COORDENADOR DE RECURSOS: [Assinatura]</p>

DETERMINAR NUNCA TERREIRO